

ASPECTOS CULTURAIS DA COMUNIDADE INDÍGENA KAINGANG E SUA INSERÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA NA CIDADE DE SANTA MARIA/RS¹

CULTURAL ASPECTS OF THE KAINGANG INDIGENOUS COMMUNITY AND ITS SOCIAL AND ECONOMIC INSERTION IN THE CITY OF SANTA MARIA/RS

Alissani Konig² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

A cidade de Santa Maria, assim como em todo o estado do Rio Grande do Sul, apresenta-se como multicultural, pois é habitada por diferentes povos e composta de diferentes etnias tais como negros, brancos, alemães, italianos e os nativos (os indígenas). Este trabalho tem como objetivo apresentar os aspectos culturais da comunidade indígena dos kaingang da Aldeia Três Soitas e sua inserção social e econômica na cidade de Santa Maria - RS. A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, pois procurou mostrar os aspectos culturais, especialmente o artesanato, a partir da visão do artesão em relação ao objeto, sua conexão com materiais utilizados e o comércio para a sustentabilidade econômica. O instrumento de pesquisa foi a entrevista ao artesão, à diretora da escola indígena e ao cacique. Pôde-se concluir que os caciques aldeados mantêm suas expressões culturais nos artesanatos e, por meio do comércio desses artigos, alcançam alguma viabilidade econômica para as necessidades mais imediatas (alimentação). Os indígenas kaingang desejam seguir o seu próprio caminho, ou seja, há necessidade de se assumirem como sujeitos de sua própria história, capazes de conduzir e negociar suas mudanças diante do capitalismo e sua inserção na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: artesanato indígena, Aldeamento Três Soitas, identidade tribal.

ABSTRACT

The city of Santa Maria as well as all of Rio Grande do Sul State, is multicultural because it is inhabited by different peoples and composed by different ethnic groups, such as blacks, whites, Germans, Italians and native (indigenous). This study aimed to present the cultural aspects of the kaingang indigenous community of Três Soitas Village and its social and economic integration in the Santa Maria city - RS. The research used a qualitative approach, as sought to show the cultural aspects, especially the handicraft, from the artisan vision of the object and its relationship to materials used and trade to economic sustainability. The research instrument was the interview with the artisan, the director of the Indigenous school and the cacique. It can be concluded that the indigenous villagers maintain their cultural expressions per the handicrafts and through the trade of these items, they can reach some economic viability for the most immediate needs (food). The kaingang indigenous wish to follow their own way, that is, it is necessary to take them as subjects of their own history, able to lead and negotiate their changes in front of the capitalism and their place in the contemporary society.

Keywords: indigenous handicrafts, Indigenous community Três Soitas, tribal identity.

¹ Parte integrante do Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Geografia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: alissanikonig@gmail.com

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Santa Maria, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011b), possui aproximadamente 262.368 habitantes. Localiza-se na microrregião de Santa Maria e na mesorregião do Centro Ocidental Rio-Grandense. Em seu conjunto, de população e economia, é considerada uma cidade de médio porte e de grande influência na região central do Estado, sendo a 5ª cidade mais populosa do Rio Grande do Sul e, isoladamente, a maior de sua micro e mesorregião, que possui aproximadamente 1 milhão de habitantes.

A cidade foi criada a partir de acampamentos de uma comissão demarcadora de limites entre terras de domínio espanhol e português que passava pela região em 1797, e que se instalou onde hoje está situada a Praça Saldanha Marinho, no centro da cidade. Nesse local, mais tarde, surgiram as primeiras edificações mantidas e conservadas como prédios históricos e de grande valia para a população como a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, o Theatro Treze de Maio, a Catedral do Mediador da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, o Clube Caixeiral de Santa Maria, o Banco Nacional do Comércio, a Sociedade União dos Caixeiros Viajantes e a Vila Belga (BELÉM, 2000).

Em Santa Maria, está sediada uma das maiores universidades públicas do Brasil, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Assim, por abrigar uma grande quantidade de instituições de ensino, é conhecida como Cidade Cultura e também como município Coração do Rio Grande (devido a sua localização geográfica central). O centro geográfico do Rio Grande do Sul situa-se na Unidade Residencial Arenal, no bairro Passo do Verde, a 18,62 km em linha reta do marco zero da cidade, no bairro Centro.

Diante da diversidade que existe nessa cidade, cabe um olhar especial para os primeiros povos que a habitaram, ou seja, antes mesmo do índio estar presente na literatura brasileira, já estava nas páginas dos relatos de navegantes e viajantes que levavam para o mundo europeu as histórias dos povos indígenas. No livro *Viagem ao Brasil*, de autoria de Staden (2010), o autor relata que Pedro Álvares Cabral não descobriu o Brasil, mas sim, encontrou uma terra ocupada por diferentes tribos indígenas, bem como, igualmente, uma diversidade de costumes, crenças, línguas, ora lembradas, ora esquecidas por um país que foi dominado por culturas exteriores, predominando, com o tempo, a “cultura homem branco”.

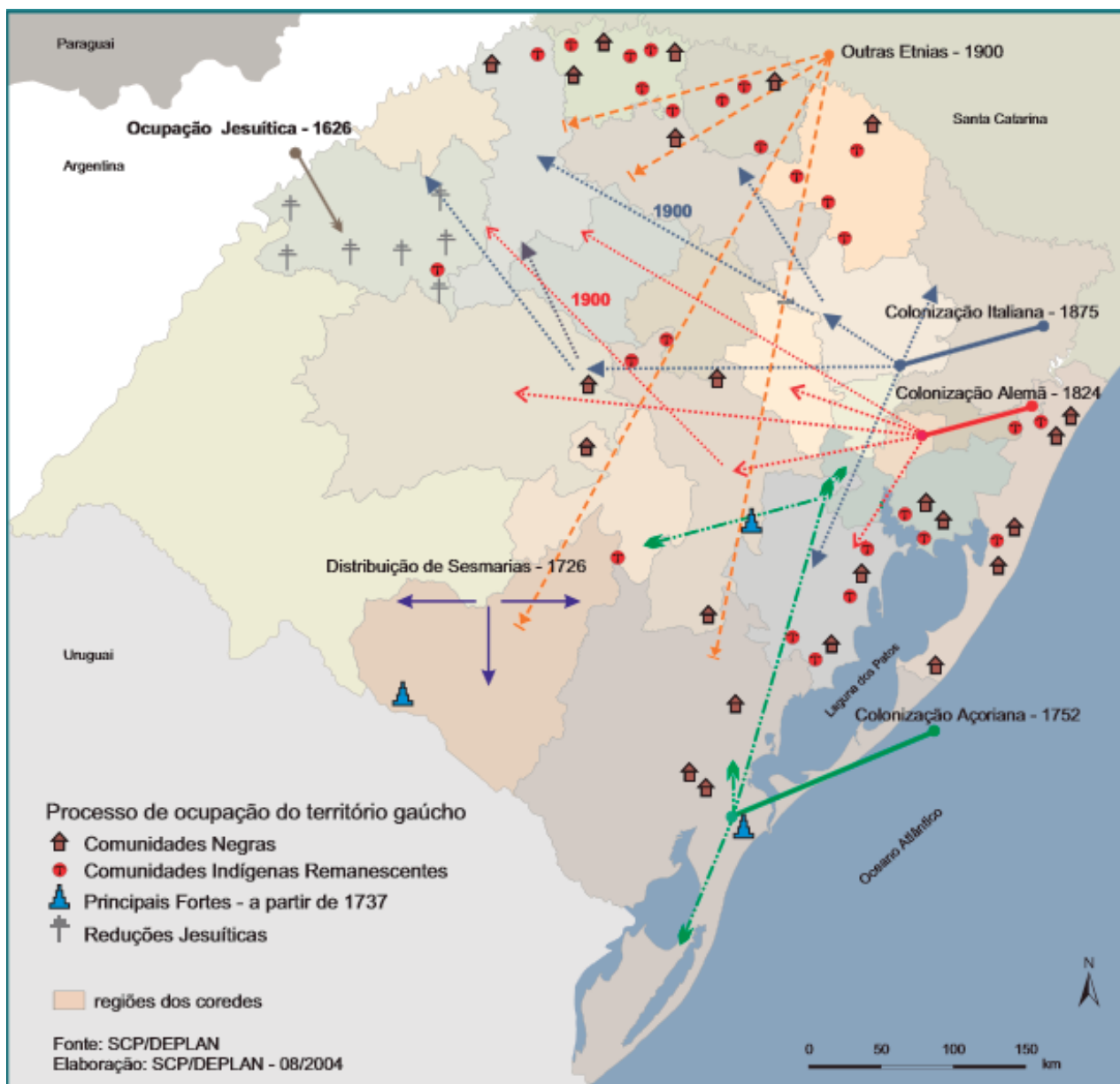
Conforme dados do censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011a), mais de 817 mil brasileiros se classificaram como indígenas, sendo a comunidade indígena kaingang uma das cinco mais populosas do território brasileiro.

No Rio Grande do Sul, os kaingang ocupavam grandes áreas, restando, atualmente aldeias em municípios do norte do Estado, como Derrubadas, Santo Ângelo e outros. No município de Santa Maria, a comunidade indígena dos kaingang é uma comunidade urbana, ocupando, há mais de 20 anos, uma área na rua Pedro Santini, no bairro Nossa Senhora de Lourdes. A aldeia denomina-se Três Soitas e é comandada, há quatro anos, pelo cacique, de 44 anos de idade.

Nesse sentido, a pesquisa contribui para a compreensão de como a comunidade kaingang luta para tentar inserir-se no dia a dia dos cidadãos e também garantir sua sobrevivência no capitalismo que condiciona as relações sociais e econômicas na cidade.

O Rio Grande do Sul apresenta-se como um Estado multicultural, pois é habitado por diferentes povos e composto de diferentes etnias tais como negros, brancos, alemães, italianos e os nativos (os indígenas) (Figura 1)

Figura 1 - Mapa do processo de ocupação do território do Rio Grande do Sul.



Fonte: CSP/DEPLAN.

Os indígenas, como primeiros habitantes do Brasil e do Rio Grande do Sul, estão, cada vez mais, perdendo seu espaço nativo (originário), sendo, dessa forma, obrigados a inserirem-se nas cidades, adaptando-se a elas e moldando seu modo de vida. Essa realidade não foi diferente na cidade

de Santa Maria - RS, pois os índios também precisaram passar por profundas mudanças, muitas vezes tendo que readaptar a sua cultura, pois

A interculturalidade é uma prática de vida que pressupõe a possibilidade de convivência e coexistência entre culturas e identidades. Sua base é o diálogo entre diferentes, que se faz presente por meio de diversas linguagens e expressões culturais, visando à superação de intolerância e da violência entre indivíduos e grupos sociais culturalmente distintos (BANIWA, 2006, p. 51).

Dessa forma, os indígenas de Santa Maria - RS procuram adaptar-se ao modelo econômico capitalista vigente. Santa Maria tem como principal renda o setor terciário, e, nesse cenário, os indígenas, da etnia kaingang, buscam sua inserção na sociedade através da venda de seus artesanatos. Esse grupo étnico se caracteriza como minoria que habita a cidade e, portanto, precisa tentar se adaptar aos modos de vida da maioria da população, o que não é nada fácil para uma etnia com características tão diferentes e peculiares. Isso posto, a questão de pesquisa foi desvendar “Em que medida a cultura indígena consegue sobreviver e se adaptar ao sistema econômico capitalista na cidade de Santa Maria - RS”?

Os povos indígenas são povos originários, estavam aqui antes da chegada dos europeus. No Brasil, a presença humana está documentada no período situado entre 11 e 12 mil anos atrás. No entanto, novas evidências têm sido encontradas na Bahia e no Piauí que comprovam ser muito mais antiga que essa datada. Porém, muitos arqueólogos não concordam. Existe uma tendência cada vez mais forte de os pesquisadores reverem essas datas, já que as pesquisas mais recentes vêm indicando datações muito mais antigas da presença humana em território brasileiro (FUNAI, 2013).

A partir da chegada dos colonizadores às terras do Brasil e do continente americano, os povos nativos sofreram massacres, escravidões, repressões, discriminações e o medo os assombrou. O direito que detinham pelas terras foi lhes tomado à força e armas. Invadiram tudo o que eles tinham, e, como se não bastasse, mataram muitos deles. Assim, o território que hoje chamamos de Brasil já possuía “dono” e era habitado, porém, o medo e a falta de opção os fizeram adentrar cada vez mais o continente, tentando dificultar as agressões por parte dos europeus.

Mesmo diante de tantos empecilhos, os povos ameríndios ainda tentam velar seu conhecimento, suas tradições, seus costumes, para tentar manter o verdadeiro espírito do homem nativo. No Brasil, encontra-se uma das maiores diversidades étnicas, com um valor cultural estimável que não podemos deixar morrer.

Logo após o contato com o homem branco, os indígenas sofreram certas modificações em sua estrutura tradicional, o que dificultou muito para manter as suas tradições. Por falta de conhecermos os povos indígenas, acabou-se fortalecendo o sentimento de discriminação, ou seja, fez com que não fosse voltada nem um tipo de atenção para a cultura e os costumes indígenas, e, assim, acabaram se perdendo. A socialização desses povos gerou a necessidade de integrá-los aos sistemas sociais, econômicos e políticos. Por sua vez, não é o molde ocidental de integração que resultará numa sig-

nificativa inter-relação entre esses dois mundos. A integração deve ser em aspectos diferenciados, devem-se respeitar suas tradições, cujo posicionamento mantenha suas particularidades culturais face às exigências do desenvolvimento.

Nesse sentido, justifica-se o presente estudo sobre a importância de se conhecer e preservar a cultura indígena. Para desenvolver o estudo, foram estabelecidos o objetivo principal que é apresentar os aspectos culturais da comunidade indígena dos kaingang e sua inserção social e econômica na cidade de Santa Maria - RS, e os objetivos específicos: a) destacar os principais objetos da cultura indígena adaptados à comercialização; b) verificar a sustentabilidade econômica alcançada por meio do comércio dos objetos indígenas; c) revelar outros objetos comercializados e o grau de assimilação cultural desses pelos indígenas; e d) avaliar o processo educativo e sua contribuição na manutenção do bilinguismo e na inserção do indígena na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

OS ÍNDIOS E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL

Os indígenas foram os primeiros povos a habitarem as terras brasileiras. Em períodos muito distantes, os mais variados grupos indígenas buscavam sua alimentação na caça e na coleta de frutos e raízes. Assim, os que viviam mais próximos ao litoral e aos rios conseguiam complementar a sua alimentação com a pesca. Subtraíam da natureza o que ela lhes oferecia e garantiam o sustento e a sobrevivência da tribo. Eram grupos nômades, pois não se fixavam num só lugar, organizavam-se entre si e sempre em harmonia com a natureza para irem em busca do que necessitavam para sobreviver.

Segundo Muñoz (2003, p. 284-285), a vida em comunidade (em tribos) aparece

[...] na memória indígena como um âmbito carregado de significações, que a pessoa vai reconhecendo e registrando através da vida como espaço amplo de sentido e de dados para sua percepção, no monte, na colina, nas cavernas, nos olhos de água, no rio: lugares sagrados e vitais com os quais a humanidade indígena interatua sempre com respeito. O saber indígena vem de práticas comunitárias do saber ser, saber estar, saber dar uso, de um mundo que se reconhece na convivência e nas práticas.

Nessa perspectiva, o indígena vivia um enraizamento com a percepção do território que se expressava na linguagem, no costume, sempre em referência ao mundo natural. Esse mundo natural e a relação do indígena foram alterados a partir das grandes navegações e da chegada do europeu ao território brasileiro, modificando, assim, os hábitos, os costumes indígenas, o local ao qual onde tiveram que se readaptar para sobreviver e se inserir na nova sociedade, para não haver total extermínio indígena.

OS ÍNDIOS NO RIO GRANDE DO SUL

O território do Rio Grande do Sul, segundo o Tratado de Tordesilhas, pertencia à coroa espanhola, porém, a história da ocupação rio-grandense começou muito antes da chegada dos portugueses e espanhóis.

Segundo Luvizotto (2009, p. 16),

A região era vista como “terra de ninguém” e era povoada por índios caaguá, arachã, carijó, tape e, mais adiante, os caingangues. Outro grupo de indígenas encontrado no Rio Grande do Sul foi o dos mbaias, que se subdividia em seis nações: charrua, minuano, guenoa, yaro, mboane e chaná, instalados mais ao sul e sudeste.

Desse modo, a ocupação formal do território do Rio Grande do Sul se consolidou somente com a chegada dos jesuítas, conforme afirma Souza (2000, p. 13),

o início da ocupação ocorreu oficialmente em fins do século XVI, pelos jesuítas provenientes do Paraguai, que organizaram aldeamentos missionários, onde praticavam a catequese e ministravam técnicas de trabalho ao índio. Atravessaram o rio Uruguai e, aproveitando seus afluentes, os rios Ibicuí, Ijuí e Piratini, penetraram na região noroeste do futuro Estado do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se nesse território.

Para conseguir alimentar tantos índios, os jesuítas utilizaram o gado trazido por eles e criado nas pradarias gaúchas, aproveitando o clima, vegetação favorável e a topografia não muito acidentada. Para livrarem-se dos constantes ataques de paulistas e tropas em busca de índios e gado, resolveram concentrar os índios convertidos, que não eram poucos, em uma região mais segura, situada a noroeste do estado do Rio Grande do Sul e fundaram os Sete Povos das Missões.

Porém, os kaingang, como afirma Sponchiado (2014, p. 31),

nunca se submeteram à redução, mantendo-se afastados das tentativas de cristianização dos missionários, longe das investidas de escravidão dos bandeirantes, refugiando-se nas matas mais recônditas. O drama começa quando, no início do século XIX, estancieiros e comerciantes se estabelecem nos campos de Guarapuava e Palmas no Paraná. No Rio Grande do Sul, a tragédia começa com a abertura de novas estradas, precisamente no território indígena.

Então, os mais variados povos indígenas que ocupavam essas áreas tiveram que ir à busca de novas moradias, pois suas aldeias foram destruídas e muitos indígenas massacrados, sem o mínimo de piedade, e, conseqüentemente, eles acabaram se espalhando por diversas partes do Rio Grande do Sul. Assim, muitos dos costumes que os gaúchos possuem foram herdados dos indígenas, como tomar chimarrão e comer churrasco. É de suma importância conhecer os primeiros habitantes do pampa, para compreender a história do Rio Grande do Sul.

ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS INDÍGENAS

Cada tribo indígena tinha características próprias de organização social. Os gêneros tinham tarefas e funções sociais bem definidas e a natureza masculina era compreendida, entre os índios, como guerreira, possuía aptidão para as artes das guerras, sendo que ao guerreiro cabia proteger e zelar pela tribo, mulheres, crianças e idosos. Eles apenas consideravam a morte honrosa se o índio falecesse em luta, na guerra com tribos inimigas. Esse fato dava aos guerreiros uma condição de superioridade em relação aos demais do grupo. Além disso, cabia aos homens as tarefas que exigiam mais força física e braçal, como a caça ou a preparação da terra para o plantio (BANIWA, 2006).

Já a extração de matéria-prima da natureza e produção para o sustento do grupo eram tarefas para as mulheres. Entre os diferentes grupos indígenas, as atividades realizadas pelas mulheres eram leves, portanto, consideradas inferiores à guerreira, que exigia força física. A mulher coletava frutos e raízes, preparava o alimento, cuidava dos filhos e, em algumas comunidades amazônicas, ainda semeava, plantava e colhia os alimentos (BANIVA, 2006).

A organização social era bastante simples, as aldeias não tinham grandes concentrações populacionais e as atividades eram exercidas de forma coletiva. O índio que mais caçasse ou pescasse deveria dividir seus alimentos com os outros habitantes da tribo, formando, uma organização social que, conforme relata Baniwa (2006, p. 61-62),

é a forma pela qual uma comunidade ou povo indígena organiza seus trabalhos, sua luta e sua vida coletiva. Sendo assim, toda comunidade indígena possui sua organização ou organizações. Ela é como tal uma organização social própria. A existência de organização é uma necessidade coletiva, uma vez que a convivência só é possível com um mínimo de ordenação interna em que haja definição de objetivos, metas, estratégias e ações a serem desenvolvidas coletivamente, além da distribuição de tarefas e responsabilidades.

Existem figuras importantes na organização das tribos como o pajé e o cacique. O pajé é uma espécie de sacerdote da tribo, pois conhece todos os rituais e recebe as mensagens dos deuses; também é o curandeiro, pois conhece todos os chás e ervas para curar doenças; faz o ritual da pajelança, em que evoca os deuses da floresta e dos ancestrais para ajudar na cura. O cacique, também importante na vida tribal, faz o papel de chefe, pois organiza e orienta os índios, deixando assim a aldeia bem organizada.

ASPECTOS DA CULTURA INDÍGENA

O conceito de cultura é muito discutido e vem sendo abordado em diferentes áreas e de variadas formas. Para Claval (2010), a cultura é aquilo que as pessoas adquirem para construir sua existência, tanto em termos materiais como espirituais, envolvendo aspectos físicos e simbólicos. É um patrimônio

importante de um povo, porque resulta dos conhecimentos compartilhados entre as pessoas de um lugar, sendo recriada de geração em geração. É a cultura que diz em que acreditar. Ela influencia os modos de ser e de estar no mundo; de agir, sentir e se relacionar com o natural e o social. Assim, segundo Cunha (2009, p. 273),

as culturas constituem para a humanidade um patrimônio de diversidade, no sentido de apresentarem soluções de organização do pensamento e de exploração de um meio que é, ao mesmo tempo, social e natural. [...] quando se fala do valor da sociodiversidade, não se está falando de traços culturais e sim de processos. Para mantê-los em andamento, o que se tem de garantir é a sobrevivência das sociedades que os produzem.

Porém, muitas vezes essa cultura não permanece intacta, sofre interferências do homem branco, que acredita que pode transformar tudo ao seu redor, não importando que, se para isso acontecer, ele precisa interferir na vida de outros povos.

Relatado nas palavras de Cunha (2009, p. 251),

grupos indígenas no Brasil, sobretudo os de contato mais antigo com a população neobrasileira, foram induzidos a falar línguas novas, primeiro a língua geral, derivada do tupi e propagada pelos jesuítas, mais tarde o português por imposição expressa do Direito dos Índios Pombalino (constituição de Marques de Pombal). Processos de discriminação contra as línguas indígenas foram usados nas escolas salesianas contemporâneas. São conhecidas ainda as situações, impostas pelo desprezo dos regionais pelos ‘caboclos’ ou ‘bugres’, em que os índios se envergonhavam do uso de suas línguas. A interferência nas culturas tradicionais atingiu também a religião, os costumes matrimoniais, a organização política, a tecnologia, os hábitos alimentares, estes já afetados pela depauperização dos territórios de caça e pesca. A resistência indígena a essa interferência manifestou-se no apego a alguns traços culturais que, enfatizados, preservavam a identidade do grupo.

Assim, as mais diferentes tribos indígenas possuem suas crenças, religiões e seus costumes, adaptados também à cultura do homem.

As superstições e crenças religiosas detinham um papel importante dentro da cultura indígena. Fetichistas, os indígenas adoravam, ao mesmo tempo, um bom Deus, o Tupã, e um espírito maligno, tenebroso, vingativo, denominado Anhangá, ao sul, e Jurupari, ao norte (BANIWA, 2006). Certas tribos pareciam adaptar-se melhor para a astrolatria, embora não possuíssem templos adaptados para isso, assim, acabavam adorando o Sol que para eles era chamado de Guaraci, mãe dos vivos, e a Lua Jaci, nossa mãe. Também praticavam o culto aos mortos, de uma forma bastante rudimentar. Algumas tribos tinham por hábito incinerar os corpos dos mortos, já outras, os devoravam, e a maioria, como não havia a presença de cemitérios, enterrava os corpos na forma de fetos, em grandes vasos de barro denominados de igaçabas, encontrados suspensos nos tetos de cabanas abandonadas e também no interior dos sambaquis. O comum dos mortais era apenas chorar pelos mortos que pertenciam a sua família, já ao guerreiro, se sua fama fosse boa, poderia ser chorado por toda a tribo.

Os índios possuem hábitos bem diferentes e distintos de nós ocidentais/urbanos, eles moravam em ocas e malocas, hoje, alguns já possuem casas, também o hábito de produzirem seus próprios materiais, seja para o plantio, para a coleta, ou para o próprio artesanato, que acaba sendo comercializado, muitas vezes, para garantir a sua sobrevivência e de sua família. Os índios pintam seu corpo, sua cerâmica e seus tecidos com um estilo que pode ser chamado de “abstrato”. Eles observam a natureza, mas não a desenham, ao contrário do que se pensa, não devemos chamá-la de primitiva. Partem do elemento natural para torná-lo geométrico.

Usam cocares, braceletes, cintos, brincos. Dificilmente, sacrificam as aves para comer, utilizam apenas suas penas coloridas para a fabricação de seus produtos, que guardam enroladas em esteiras para conservar melhor, ou em caixas bem fechadas com cera e algodão. Também praticam a confecção das cestarias, que são geralmente trançadas com palhas e outros materiais e utilizadas para os mais diversos fins.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, pois procurou mostrar os aspectos culturais da comunidade indígena dos kaingang e sua inserção social e econômica na cidade de Santa Maria - RS.

Dessa forma, a primeira perspectiva foi de cunho exploratório, tendo como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito” Gil (2002), sendo de natureza interpretativa, tendo como fundamentação a descrição e interpretação dos fenômenos por meio da literatura existente sobre o tema, “os indígenas”. O corpo de análise foi composto pelas entrevistas realizadas. Para Minayo (2002, p. 57):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores [...]. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

Nesse contexto, as entrevistas foram realizadas no período de setembro/2016, compreendendo a comunidade kaingang local, como forma de abordar as diferentes percepções e experiências dos entrevistados sobre o estudo realizado.

Isso posto, procurou-se identificar e apresentar os elementos que compõem os principais objetos da cultura indígena adaptados à comercialização e verificar a sustentabilidade econômica alcançada por meio do comércio dos objetos indígenas mediante uma entrevista semiestruturada com o grupo indígena responsável pelos artesanatos. Na sequência, foi avaliado se o processo educativo contribui

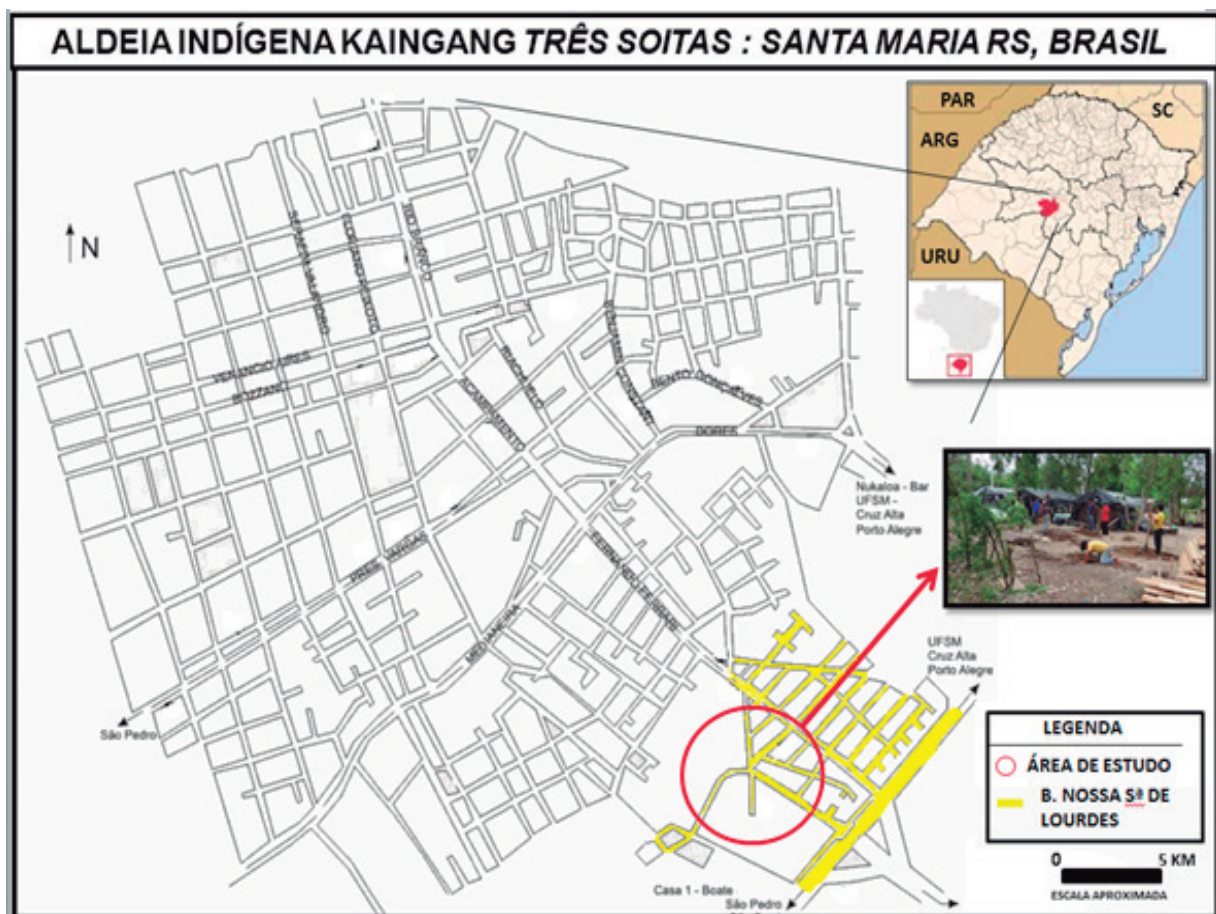
para a inserção do indígena na sociedade, por meio de uma entrevista realizada com o responsável pela escola indígena. Posteriormente, foi entrevistado o cacique com o intuito de compreender como funciona a organização indígena.

Por fim, vinculou-se a prática à teoria, ou seja, uniu-se a pesquisa bibliográfica ao trabalho de campo e redigiu-se o texto final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No município de Santa Maria, a comunidade indígena dos kaingang é uma comunidade urbana, ocupando, há mais de 20 anos, uma área na rua Pedro Santini, bairro Nossa Senhora de Lourdes (como pode ser observada na figura 2). A aldeia denomina-se *Três Soitas* e é comandada, há quatro anos, pelo cacique, de 44 anos de idade.

Figura 2 - Mapa do Bairro Nossa Senhora de Lourdes, ocupação indígena kaingang, Santa Maria, RS.



Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria/RS (2015). Adaptado por Konig, A. (2017).

O nome Kaingang tem o significado de “Povo da Floresta”. Este nome tem tudo a ver com a forma de pensar e de agir deste povo. Para ele, a natureza é a fonte de alimento, de saúde e também de sabedoria, alegria e diversão.

E, por isso, a natureza é sagrada e digna de muito respeito, cuidado e devoção (MARKUS, 2012, p. 1).

Fica evidente que para os kaingang a natureza é imbuída de significados e também fonte de sobrevivência, eles vivem em harmonia com o meio e ela lhes oferece todo o necessário para o desenvolvimento da vida. É, também, da natureza que as tribos retiravam a matéria-prima para fazer utensílios e se alimentar, mantendo assim, um saber-fazer de trançados, de lascas, de utensílios tanto para caça quanto para a pesca, bem como adornos para enfeitar o seu corpo ou para rituais.

Assim, devido à grande diversidade de tribos indígenas é difícil identificar um ‘padrão artístico’ ou destacar uma homogeneidade cultural. Pelo contrário, ao observar-se, com mais atenção, o artesanato indígena, percebe-se a existência de um grande arsenal de diversidades, em diferentes objetos, de cerâmica, trançado, enfeites do corpo e de danças e rituais. Ao observar as diferentes culturas, é importante destacar que o conceito de arte também pode mudar e, geralmente, a ‘leitura’ é imbuída de pré-conceitos estabelecidos pela origem geográfica e cultural que, para Boff (2006, p. 1), é a leitura de cada um, ou em suas palavras, “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto”.

Um objeto indígena, uma cerâmica, um colar, é artístico aos ‘olhos’ da civilização Ocidental, porém, para os indígenas, o objeto tem um significado de perfeição ao ser produzido. Para eles, o objeto precisa ser perfeito ao ser produzido, e não na sua utilização. Outro aspecto importante, no artesanato indígena, é a representação da identidade tribal (da comunidade), ou seja, a arte indígena é a representação de uma tribo e não da personalidade de quem o faz. Em parte, e em consequência disso, a arte indígena não é tão diversificada, pois repetem a identidade da tribo nas técnicas e no uso dos materiais. Geralmente, os indígenas utilizam apenas elementos naturais na composição da arte como madeira, palhas, cipós, resinas, ossos, dentes, couro, conchas, pedras, sementes, plumas, tintas e folhas.

Assim, para apreender mais e melhor o significado do artesanato e dos objetos indígenas, bem como saber e conhecer a relação existente entre o objeto e seu artesão, para além da questão econômica e de sobrevivência, é importante dialogar com integrantes da aldeia indígena, no caso, os kaingang da Três Soitas.

O indígena kaingang, entrevistado 1⁴, é artesão de 33 anos de idade e, em sua entrevista, trouxe elementos esclarecedores sobre o artesanato, especialmente, quando elucidou o significado dos trançados e de outros objetos. A leitura cultura enriquece o objeto, e o valor vai além do preço. O objeto contém, em si, a história e a manutenção da cultura de um povo.

Sobre os objetos e a arte de sua produção, em sua entrevista, o artesão (entrevistado 1) transmitiu a essência do que representa cada gesto do saber-fazer, quando relata

Nenhum de nós representa aquilo que queremos com o nosso artesanato, e sim, fizemos referência ao que aprendemos com nossos antepassados, o que nossa tribo produzia antigamente, segue sendo produzido por nós e transmitido para as novas gerações para que nossa cultura não se perca.

⁴A entrevista com o artesão foi concedida à acadêmica e sua orientadora no dia 06/09/2016, na Aldeia Três Soitas.

Dessa forma, pode-se perceber que os primeiros artigos fabricados pelos indígenas permanecem os mesmos, para haver a preservação da identidade cultural e tribal, assim, os mesmos materiais são utilizados até hoje, apenas havendo o acréscimo da anilina que dá a coloração às palhas, pois o entrevistado afirma que “a natureza e a mãe terra lhes oferecem tudo de que eles necessitam para viver. E os índios sabem retirar os materiais de que precisam sem esgotá-la e, assim, sempre que eles clamam por matéria-prima podem voltar e colher novos materiais para fabricarem seus artesanatos.” Este fato fica evidente quando Markus (2012, p. 5) afirma que:

Para os Kaingang a terra é muito importante. Eles mantêm uma forte ligação com ela e, por isso, a chamam de Mãe Terra. A forma de viver e a sua cultura estão relacionadas com a terra. Ela garante o sustento e a vida do povo. Nela convivem com o mato, a água, os animais, as plantas e tudo o que existe.

Já o homem branco não tem esse entendimento de viver em harmonia com o meio no qual ele habita, por onde passa, precisa modificar para deixar marcada a sua passagem. Esses aspectos dependem muito da cultura “que é o modo de ser de um povo. É o conjunto de seus saberes e fazeres ensinados, transmitidos e ressignificados de geração em geração” (Markus, 2012, p. 5). Porém, a cultura indígena também passou por algumas modificações e, com o passar do tempo e, especialmente, a partir da segunda metade do século XX, os objetos produzidos necessitavam ser comercializados para a sua sobrevivência, geralmente, à beira das rodovias ou em centros urbanos como é o caso desse grupo de estudo. Alguns desses objetos ainda são produzidos pelos indígenas do aldeamento Três Soitas, de Santa Maria, e comercializados, principalmente, no seu aldeamento. Na frente do aldeamento, na Rua Pedro Santini, bairro Nossa Senhora de Lourdes, há uma espécie de “arara” coberta onde os objetos são expostos para a comunidade chegar e comprar, conhecendo, assim, um pouco dos utensílios fabricados e comercializados pelos kaingang.

Entre os objetos comercializados, há os cestos. Cujo o trançado remete à questão enunciada pelo entrevistado e, também, pelo Markus (2012). Os cestos de vime compridos ou longos pertencem à metade Kaïru (figura 3a). Já, na figura 3b, pode ser percebida a fabricação de uma Tuia, as quais podem ser altas, compridas e, nesse caso, pertencentes à metade Kamé (marca comprida, riscos retos desenhados); no entanto, o seu grafismo é de forma retangular, fechada, pertencente à metade Kairú (marcas em círculos, tanto abertos quanto fechados desenhados). São do tipo Ianhiá (união ou fusão das duas outras, Kamé e Kairú, consideradas também marcas misturadas).

Entre os objetos de boa aceitação do público citadino, estão os filtros dos sonhos (Figura 4a), os arcos (Figura 4b) os colares (Figura 4c) e também os pássaros (Figura 4d). Assim, fica evidente que o filtro dos sonhos é uma espécie de amuleto indígena, cuja fabricação consiste em um círculo, construído geralmente com uma vara de salgueiro-chorão, ao qual são trançados vários fios, semelhantes a uma “teia de aranha”, irregulares, acrescidos de algumas penas e/ou alguns pequenos objetos de significância pessoal específica de quem o compra. Esse artigo pode receber alguns outros

nomes populares como apanhadores de sonhos, caçadores de sonhos ou espanta pesadelos. Considerado um símbolo dos costumes e da cultura indígena norte-americana. Porém, os primeiros filtros dos sonhos surgiram na tribo dos Ojibwa, que habitavam a região dos grandes lagos da América do Norte. Essa tribo acreditava que uma das missões do seu povo era a de decifrar sonhos, pois para eles os sonhos eram imbuídos de grandes e importantes mensagens sobre o funcionamento da natureza, do universo e da vida (CENTRO DE ESTUDOS INDÍGENAS MUNDIAIS, 2009).

Figura 3 - Artesanato do Aldeamento Três Soitas, em Santa Maria/RS: a) Cesto de vime da metade Kairu; b) Cesto de vime da metade Kamé (Tuia); Artesanato comercializado na Aldeia Três Soitas.



(a)



(b)

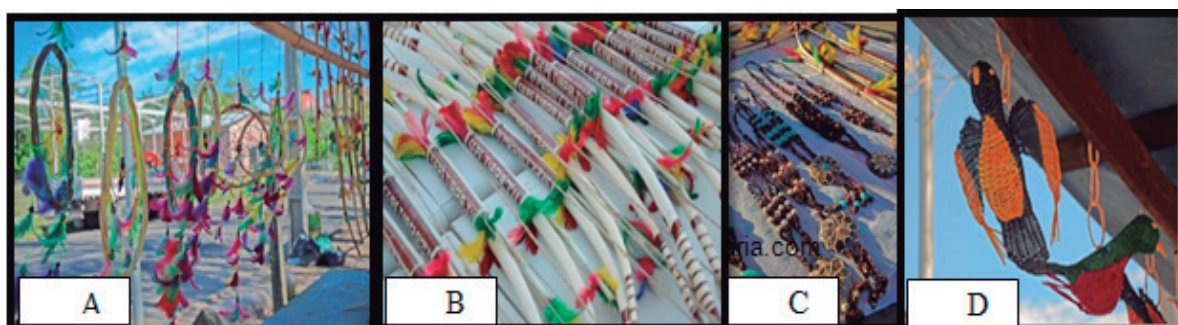
Fonte: arquivo pessoal.

Assim, os Ojibwa acreditavam que, durante a noite, o ar se enchia de sonhos e energias, boas e más, sendo o filtro dos sonhos, como o próprio nome sugere, uma proteção contra as energias e sonhos negativos. Geralmente uma pena de ave, preferencialmente de coruja, por significar “sabedoria”, é colocada debaixo da teia, assim como outras penas e adereços. A pena tem por significado a respiração e o ar, elemento no qual os índios acreditam ser de extrema importância para a vida. Os sonhos bons considerados, aqueles que possuem mensagens importantes, conseguiriam ultrapassar pelo círculo formado no centro da teia, enquanto todas as energias malignas ficariam presas nos fios do trançado. A tradição ainda sugere que o filtro dos sonhos seja colocado em um lugar que receba luz solar, pois todos os sonhos negativos que supostamente estariam presos nos fios da teia, ao receberem os raios do sol, desapareceriam (CENTRO DE ESTUDOS INDÍGENAS MUNDIAIS, 2009).

Não só o filtro dos sonhos é importante para a cultura indígena, mas os pássaros também possuem um significado muito especial, pois, em séculos passados, o Brasil foi chamado de “terra das aves” pelos descobridores, por possuir uma enorme riqueza de espécies e vários ecossistemas propi-

cios para tantas diversidades. Os povos indígenas utilizavam as penas das aves para fazer adereços como cocares e enfeites. Assim, os pássaros sempre estiveram muito presentes no imaginário indígena e, também, nos kaingang isso é perceptível. No artesanato, a representação de algumas espécies ganha forma por meio de fibras tingidas e trançadas, que, aos poucos, vão se parecendo com as aves reais, aproximando a memória dos kaingang aos locais de suas primeiras moradas, o meio da mata. Esse tipo de artesanato pode ser percebido na figura 4d.

Figura 4 - Artesanato comercializado pelos indígenas kaingang no Aldeamento Três Soitas
a) filtro dos sonhos; b) arcos; c) bijuterias indígenas; d) Araras e pássaros.



Fonte: arquivo pessoal.

Para os kaingang, trançar também é uma maneira de contar histórias e de pensar no sentido da vida. Alguns motivos (geométricos ou elementos da natureza) representados sofreram influência de outros grupos indígenas, como dos Guarani, e também pela sociedade ocidental, especialmente, pelo capitalismo. Nesse sentido, os kaingang utilizam cores seguindo alguns modismos representativos no consumismo como, por exemplo, a cor vermelha que inspira paixão, a cor rosa para as meninas.

Para os artesãos indígenas as épocas que antecedem a Páscoa e o Natal são muito aguardadas para comercializar cestos. Também o período de veraneio nas praias e nos balneários atrai, cada vez mais, possibilidades de interesses e de oportunidades de comercialização. Inclusive feiras de exposição e romarias, que acontecem em diversos municípios, também têm sido, frequentemente, locais de oportunidade de comercialização. A maioria dos artesãos indígenas realiza a comercialização em mercados informais, ou seja, oferecem seus artesanatos nos mais diversos lugares: de casa em casa, nas ruas dos bairros e dos centros da cidade e povoados.

Outro aspecto que o artesão destaca em sua entrevista é o significado dos nomes, pois, conforme seu relato,

os indígenas da tribo recebem um nome kaingang dado por seus pais na hora do nascimento. Geralmente esse nome é oriundo de algum fato marcante ocorrido durante as atividades praticadas pelos seus pais ou, até mesmo, através de uma observação da natureza ao seu redor, como, no caso de Pedro, seu nome indígena é referente à folha de uma árvore nativa, que chamou a atenção de sua mãe devido a seu tamanho e sua exuberância.

Assim, seus nomes kaingang têm relação direta com seres vivos da natureza. Todavia os indígenas não possuem somente nomes em sua língua nativa, mas também em Português, devido ao fato de que, no cartório de registros, o seu nome indígena não é reconhecido na língua portuguesa, em decorrência do seu grafismo apresentar uma escrita com acentuações que não fazem parte da gramática oficial brasileira. Mesmo com essas mudanças relacionadas aos nomes dos indígenas impostas pelo contato com o homem branco, a cultura indígena ainda permanece muito forte, pois, conforme Fischer (1959, p. 33) “dentro de seu grupo preferiam ser chamados pelo seu nome tribal. Já na companhia dos brancos, optavam por serem chamados pelo nome que lhes foi acrescentado em seu batismo, nome civilizado”.

Já a entrevistada 2, professora e responsável pela organização da escola indígena, afirma que o processo educativo kaingang é bem diferenciado. Desde muito pequenas, as crianças indígenas ingressam na escola, elas aprendem 3 tipos diferenciados de língua ou o estudo trilingue, aprendendo, assim, o espanhol, o português e a língua materna, o kaingang. Já os jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar quando crianças, também podem frequentar o ambiente escolar, com aulas apropriadas e diferenciadas para lhes garantir o conhecimento. Para aprender a língua de seus antepassados, eles contam com a ajuda de um alfabeto em kaingang que possui como vogais A Á Ã E Ê Ë I Ñ O Ó U Û Y ÿ e como consoantes, F G H J K M N NH P R S T V, diferente do alfabeto em Português.

Dessa forma, para Baniwa (2006, p. 131),

Educação se define como o conjunto dos processos envolvidos na socialização dos indivíduos, correspondendo, portanto, a uma parte constitutiva de qualquer sistema cultural de um povo, englobando mecanismos que visam à sua reprodução, perpetuação e/ou mudança. Ao articular instituições, valores e práticas, em integração dinâmica com outros sistemas sociais, como a economia, a política, a religião, a moral, os sistemas educacionais têm como referência básica os projetos sociais (ideias, valores, sentimentos, hábitos etc.) que lhes cabem realizar em espaços e tempos sociais específicos.

A professora entrevistada afirma, que a educação, na escola indígena, contribui muito para a manutenção cultural, pois, desde seus primeiros contatos escolares, as crianças são capazes de seguir a cultura dos seus antepassados, porque elas se mantêm em contato com a língua materna, aprendendo hábitos e costumes da sua tribo. Também, em datas comemorativas como o dia dos pais, os responsáveis pela escola organizam “competições” com o arco e flecha, o que contribui para deixar viva uma memória recente e permanente para o imaginário dessas crianças, que cada vez gostam mais e acham atrativo frequentar o local da sala de aula, visto que acreditam que aprendem muito com os seus professores, indígenas ou não.

Em conformidade com Baniwa (2006, p. 131),

a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores. A educação escolar indígena

refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global.

Isso posto, a professora entrevistada afirma que, se o indígena frequentar todo o período escolar dentro da comunidade kaingang e quiser ir para a faculdade, ele possui todo o direito e amparo dos que residem na tribo, porém, quando formado, esse jovem deve retornar as suas origens e ajudar o seu grupo, com o que aprendeu na academia. Já em relação ao próximo entrevistado 3, o cacique da Aldeia Três Soitas, ele declara que vivem em comunidade e harmonia com “a mãe natureza”, pois é dela que provêm a vida e a alimentação da aldeia. Ele acredita que, para a sociedade santa-mariense, eles são invisíveis, uma vez que ninguém consegue os perceber e tratar como parte da sociedade dessa cidade. De acordo com o relato do Cacique, nem os órgãos públicos investem em melhorias para a aldeia, deixando-os totalmente desamparados e à mercê para tentarem se inserir no capitalismo e sobreviverem apenas das vendas dos artesanatos. Ainda, tristemente, ele relata que foram “obrigados” a se adaptar ao modo de vida do homem branco, quando esse adentrou o seu território e os deixou arredios, e muitos deles sem casas, tendo que recomeçar uma nova vida.

Baniwa (2006, p. 36) afirma que

a sociedade brasileira majoritária, permeada pela visão evolucionista da história e das culturas, continua considerando os povos indígenas como culturas em estágios inferiores, cuja única perspectiva é a integração e a assimilação à cultura global. Os povos indígenas, com forte sentimento de inferioridade, enfrentam duplo desafio: lutar pela auto-afirmação identitária e pela conquista de direitos e de cidadania nacional e global.

Dessa maneira, pode-se perceber que o não-índio, muitas vezes, analisa o índio como não pertencente à raça humana, e, em consequência, dos próprios índios, marcado profundamente por preconceitos e ignorância. Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que por aqui se instalaram, os habitantes nativos foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias. Alguns religiosos europeus, por exemplo, duvidavam de que os índios tivessem alma. Outros não acreditavam em que os nativos pertencessem à natureza humana, pois, segundo eles, os indígenas mais pareciam animais selvagens. Essas são algumas maneiras diferentes de como “os brancos” concebem a totalidade dos povos indígenas a partir da visão etnocêntrica predominante no mundo ocidental (Baniwa, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das motivações iniciais que nortearam esta pesquisa, no sentido de apresentar os aspectos culturais da comunidade indígena dos kaingang e sua inserção social e econômica na cidade

de Santa Maria, pôde-se concluir que os indígenas aldeados mantêm suas expressões culturais nos artesanatos e, por meio do comércio desses artigos, alcançam alguma viabilidade econômica para as necessidades mais imediatas (alimentação).

Ao destacar os principais objetos da cultura indígena, adaptados à comercialização, percebeu-se que ainda preservam a identidade cultural de seus antepassados e da sua tribo, pois muitos trançados e tingimentos das palhas foram passados de geração em geração, para que se mantivessem vivas as suas tradições, assim, os artesãos kaingang ainda produzem os cestos de vime e as tuias, presentes em seus artesanatos desde muito tempo. Também se verificou que a sustentabilidade econômica alcançada por meio do comércio dos objetos indígenas é incipiente, contribuindo, de uma forma muito moderada, para a sua alimentação, muitas vezes, não suprindo suas necessidades básicas e diárias.

Por meio da pesquisa teórica e das entrevistas, foi possível identificar e revelar outros objetos comercializados e o grau de assimilação cultural desses pelos indígenas. Entre esses utensílios adaptados, estão os filtros dos sonhos que ficam, cada vez mais, populares entre os citadinos e presentes em suas casas. Outro artesanato incorporado ao aldeamento kaingang são os pássaros trançados que servem como adornos domésticos e ganham visibilidade na casa dos que os compram, bem como os colares e as bijuterias que as mulheres mais vaidosas compram para usar com adereços e enfeitar a sua vestimenta. Em vista disso, esses objetos acabam contribuindo com um aumento na renda da comunidade indígena. Esses objetos, portanto, foram adaptados para atender à demanda do apelo comercial, típico do capitalismo que investe em elementos de modismos que potencializam a comercialização.

O processo educativo mostra-se eficiente na contribuição e na manutenção do bilinguismo, uma vez que as crianças aprendem o alfabeto kaingang e o colocam em prática, pois, entre os indígenas, eles ainda se comunicam na língua materna, sentindo-se, cada vez mais, pertencentes e orgulhosos da sua cultura, já, na presença do não-índio, eles se comunicam em Português,

A inserção dos indígenas na sociedade, segundo a percepção dos entrevistados, é algo bem intrigante, pois eles não se percebem pertencentes e acolhidos pelos citadinos, o que os fazem se sentirem excluídos, dificultando, desse modo, sua ascensão na cidade, eles acabam vivendo num lugar mais restrito e com pouca infraestrutura a Aldeia Três Soitas.

Pôde-se inferir que os indígenas kaingang desejam seguir o seu próprio caminho, ou seja, há necessidade de se assumirem como sujeitos de sua própria história, capazes de conduzir e negociar suas mudanças diante do capitalismo e sua inserção nessa sociedade. Podendo, assim, criar melhores condições para que eles façam sua história, nas palavras desejosas do cacique da Aldeia Três Soitas.

Sendo o Brasil um país pluriétnico e multicultural, as comunidades indígenas necessitam de amparo na criação de políticas públicas que olhem para as desigualdades históricas e integrem as especificidades à vida urbana, sem, no entanto, desprezitar nem interferir nas diferenças que as caracterizam. Nesse sentido, há necessidade, também, de uma sensibilização das sociedades urbanas para absorver a cultura indígena e sua incorporação na vida urbana das sociedades ocidentais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. de. **O Guarani**. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1951.

BANIWA, G. dos S. L. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/Secad/Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria**. Santa Maria: UFSM, 2000.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CENTRO DE ESTUDOS INDÍGENAS MUNDIAIS. **Povos Indígenas da Atualidade**. Vivendo em dois mundos. Washington (EUA): Journal USA, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/6NKTJE>>. Acesso em: 14 out 2016.

CLAVAL, P. **Terra dos homens**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, M. C. da. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: CUNHA, M. C. da. **Antropologia do Brasil**: mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 2009.

FISCHER, Martin. **Bei den Caingang am Inhacora. Serra-Post Kalender**. Ijuí, RS: Ulrich Löw, 1959. p. 159-207. Trad. Pe. Antônio Steffen. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1969.

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Povos Indígenas**. Quem são? 2013. Disponível em: <www.funai.gov.br>. Acesso em: mar. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base de dados**. 2011a. Disponível em: <<http://downloads.ibge.gov.br>>. Acesso em: mar. 2016.

_____. **Histórico do Município**. 2011b. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: abr. 2016.

LUVIZOTTO, C. K. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, 2009.

MARKUS, C. **Povo Kaingang**: vida e sabedoria. São Leopoldo: Oikos Ltda, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUÑOZ, M. G. Saber indígena e meio-ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, Enrique (Coord.) **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Mapa da Cidade**. 2015. Disponível em: <www.santamaria.rs.gov.br>. Acesso em: abr. 2016.

SOUZA, C. F. de. **Contrastes regionais e formações urbanas**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SPONCHIADO, B. A (Org.). **Etnias e Culturas**. Série CEDOPH - Centro de documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai, v. 2. Frederico Westphalen: UNIJUÍ, 2014.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: L&PM, 2010.

